



TUDO É RIO CARLA MADEIRA

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

TUDO É RIO
CARLA MADEIRA

1ª edição



E D I T O R A R E C O R D
R I O D E J A N E I R O • S Ã O P A U L O

2021

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Madeira, Carla

M153t

Tudo é rio [recurso eletrônico] / Carla Madeira. - 1. ed.
- Rio de Janeiro : Record, 2021.
recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5587-231-6 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

21-68704

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Copyright © Carla Madeira, 2014, 2021

Projeto gráfico de miolo adaptado do design original de
Daniela Piancasteli.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução,
armazenamento ou transmissão de partes deste livro,
através de quaisquer meios, sem prévia autorização por
escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.:
(21) 2585-2000.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-231-6

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br
e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para Ana e João

Sumário

[Prefácio](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Capítulo 35](#)
[Agradecimentos](#)

Prefácio

Não vou enganar você: este não é um livro para ser bebido num gole só. Carla não escreve, borda. Cada frase mais sublinhada que a outra.

Pois então deixe de lado a sede de história e leia tomando gosto, que às vezes o caldo queima a boca. A narrativa é um rio caudaloso de dor e vida, que guarda corredeiras onde menos se espera. Em suas águas turvas sopram ventos de fantasia com rajadas de verdade.

Você vai querer grifar, anotar, escrever junto. Vai fechar o livro, voltar depois de um tempo e abri-lo na fervura de quem sente e sofre.

Carla mergulha no pesadelo espesso do amor. Na loucura do tanto, na insensatez do sempre e do nunca. Tudo é intenso, tudo é muito. E a vida, como metáfora de um rio, tudo traz, tudo leva, tudo lava. Menos o amor. O amor é uma verdade à prova do tempo.

Deguste.

Cris Guerra

Ela me perguntou o quanto eu a amava.
Reuni em vidro todos os humores vertidos:
sangue, sêmen, lágrimas.
Amo você tantos rios.

Capítulo 1

Putá. Não tem outro nome para Lucy. De profissão ela era puta mesmo. Trabalhava num puteiro, vivia num puteiro. Mas não era puta só por isso. Se só por isso fosse, podia outros nomes mais respeitosos, como meretriz ou prostituta. Era puta e pronto, que essa palavra, a seco, carrega um xingamento, que quem conhecia Lucy queria logo desabafar. Tinha um jeito baixo e arrogante de provocar todo mundo esfregando o sexo sem censuras, descobrindo os seios e atirando palavras cruas encharcadas de lama. Uma beleza disputada a tapa pelos frequentadores dava a ela o poder de não bastar aos olhos: quem via Lucy queria degustar. Dizem que sabia fazer o diabo com um homem na cama. Enlouquecia qualquer um que passasse pelos seus cuidados. Não tinha um que não quisesse mais.

Lucy tinha vontades, não aceitava dó de ninguém, repelia com sadismo as senhoras cristãs que lhe ofereciam um pouco de bondade. Eu pratico o gozo e não o sofrimento, humilhava. Vivia dizendo que daquele puteiro, e talvez de todos os outros puteiros do mundo, ela era a única puta que podia ser chamada de mulher de vida fácil. Quer vida mais fácil do que a minha, uma puta que gosta de dar?

Para toda a cidade isso era uma provocação sem tamanho, qualquer pessoa de bem tolera as putas, com a condição de sentir pena delas. Lucy, dona demais de si mesma, privava as mulheres de família do exercício da compaixão. Provocava com isso desejos profundos de inferno. As senhoras mais respeitadas se uniam para exigir de Deus que tornasse difícil a vida fácil dela. Se achavam com poderes de julgar e condenar a indecente.

Muitas dessas senhoras tinham em casa maridos que assistiam mudos à ira contra Lucy. Mais a raiva delas aumentava, mais a fama de Lucy crescia. Os homens adoeciam de uma curiosidade científica por ela, vulgarmente conhecida como tara. Se enfileiravam dispostos a qualquer migalha. E como a fome faz mais pela cozinheira do que os temperos, a puta mais vulgar do mundo gozava fama de preciosidade, faturando alto todo dia.

Nesse vai e vem de tudo quanto é cor, posses e credos, é difícil acreditar que Lucy tenha caído de amores logo por Venâncio, marido de Dalva. Venâncio foi frequentador da Casa de Manu quando atravessou o deserto de ser sozinho. Um homem triste, pesado, que carregava com ele um tormento sem tamanho. Mãos de marceneiro marcadas pelos erros dos martelos e serrotes e olhos profundos de abismos por dentro. Pois foi esse sujeito afastado de qualquer vaidade, suado e maltratado, que Lucy via sem interesse e com alguma aversão, que acabou provocando nela uma paixão desmedida, daquelas vermelho-sangue, tempestuosas, que só uma puta difícil sabe permitir.

A história dos dois começa sem novidade nenhuma, é a bobagem de sempre, gostar de quem não gosta da gente. Todo mundo queria Lucy, enfrentava fila, comprava briga, gastava o ouro, fazia tudo pelo deleite de se esfregar nela. Menos Venâncio. Este chegava à zona e deitava com qualquer uma sem nem tomar conhecimento da disputaria. Ela se oferecia, ele recusava. Era um não com voz reta, não de promessa, jurado no silêncio das entranhas. Ninguém arrancava dele o motivo.

E como quem não sabe, inventa, a intriga rendeu na boca da mulherada: todas as outras queriam saber por que é que Venâncio não se deitava com Lucy. O poder inquestionável da puta cheia de si estava à beira do

descrédito. O caldo grosso da inveja derramou, e o assunto foi parar nos ouvidos da rejeitada.

Pronto, foi o que bastou. Lucy se encheu de desafio, qualquer custo era o preço que pagava para levar Venâncio para dentro. Questão de honra, condição para calar a boca das despeitadas e manter sua fama à altura do que era capaz na cama. Do fundo da alma à superfície da pele, da ponta do dedo às pontas dos pelos, do lado de dentro e de fora, onde existia Lucy não tinha um espaço, miúdo que fosse, que não sustentasse a mais absoluta certeza de que ia ser fácil levar um homem abatido daquele para a cama.

Capítulo 2

Doralda, Rosa, Margarida, Lucíola, Madalena, quem ia vir naquela noite pouco importava. Venâncio esperava por qualquer uma e delas não esperava nada. Só recusava Lucy. Ficou surpreso e quase sem ação na primeira vez que ela invadiu seu quarto, já tinha dito um não na sala, dias antes, e pensou que bastaria. Não bastou. Quando ela chegou, sem ser convidada, trouxe o cheiro do assanhamento. Tirou a roupa poderosa, peça por peça, olhando de cima do nariz para baixo, na direção de Venâncio, sentado na cama, acompanhando tudo do lugar dele. Paralisado.

Ficou nua, pelo e pele, chegando poro a poro bem perto, oferecendo a montaria. Lucy tinha um corpo indecente, que convidava aos berros línguas e mãos. Ele sentado, ela de pé, entre o umbigo e os pelos dela, os olhos dele. Ande, homem, hoje eu quero dar pra você, venha com a sua boca sentir o meu gosto. Abuse de me molhar. Você tem sorte, eu sou gostosa demais.

Venâncio ficou quieto, apreciou, enquanto Lucy descrevia sem modéstia a sua competência. Quanto mais ela falava, mais ele ouvia o que não queria. Quando abriu a boca, foi um ponto final sem recurso. Não quero não, moça, guarde essa gostosura toda pra sua fila de babões, eu gosto de puta que dá mal.

Lucy experimentou o coice, despreparada, quis bater em Venâncio, exigir obediência. Apelou. Mandou que ele enfiasse no cu todas as coisas que têm nome e saiu cuspiendo o fogo que não acendeu nele, mas no dia seguinte voltou. E depois voltou de novo, eram dias rendendo semanas puxando meses empurrando a vida.

Cada noite tirava a roupa de um jeito, às vezes só a parte de cima, às vezes só a de baixo. Lento, rápido. Mordia a boca, divertia os dedos, expressava os olhos. Ficava de frente, de lado, de quatro, exausta. A uma certa demora, Venâncio, entediado, punha ela para fora sem satisfazer uma unhazinha suja sequer do seu apetite. Lucy cancelou a fila, jurou que não deitava com mais ninguém enquanto não fosse mulher para Venâncio. E assim foi indo, sem outro pensamento, com essa ideia encurralada. Atrofiou, diminuiu de tamanho na aflição de não ter mais o que inventar, desconfiou de todas as certezas que tinha.

Até que um dia, um modo de proceder dela derrubou o muro e ameaçou a distância entre eles. O que ela fez, sem saber que fazia, provocou em Venâncio uma emoção aguda, os olhos dele se encheram de uma água triste, turva como a água que passa num cano por onde nada passava há muito tempo e que expulsa com ela uma sujeira velha, um abandono antigo e demorado. Aquele homem maltratado era dono de uma beleza que a desgraça escondeu com sua camada grossa de hostilidade. Naquele momento em que o opaco ganhou transparência, deixou ver o que tinha sido.

Capítulo 3

Venâncio e Dalva casaram apaixonados. Perdidamente. Quem via os dois pedia a Deus uma sorte igual. O amor tem nome, mas não é nada que a gente possa reconhecer só de olhar. A dor a gente sabe o que é, tem lugar e intensidades que cabem na ciência. A raiva, o medo, o ódio entortam a cara com um jeito provável de se manifestar. Mas e o amor? O que é senão um monte de gostar? Gostar de falar, gostar de tocar, gostar de cheirar, gostar de ouvir, gostar de olhar. Gostar de se abandonar no outro. O amor não passa de um gostar de muitos verbos ao mesmo tempo. No caso de Venâncio e Dalva, o gosto de cada sentido grudava os dois para mais de muitas vidas, pareciam eternos de tão juntos. Um saboreava o outro. Viveram muito tempo assim irrigados até que Dalva engravidou. A notícia parecia boa, amor dando fruto, coisa mais sagrada ela e ele somados, a natureza perfeita providenciando a continuação de tudo. Era isso que deviam sentir, e ficaram muito tempo tentando fazer o que deviam. Insistiram na bobagem de pôr no caminho deles a estrada dos outros. Deu no que deu. Quem pode negar, no mais honesto olhar, que, dado um encaixe perfeito, não sobre espaço para mais nada? Era justo demais o jeito que um juntou no outro. Venâncio, quando viu a barriga de Dalva crescer, foi vendo crescer nele um ciúme doentio. Mas era tarde, não comandava o curso do rio. Estava feito.

Dalva já queria aquele filho mais do que qualquer outra coisa. Pensava nele, falava dele, entregava as mãos à barriga e dela não se afastava. Era bercinho para cá, bordados para lá, banhos demorados voltados para o próprio umbigo, tardes inteiras cantando canções de ninar

com uma voz débil, daquelas que os adultos fazem quando pensam encantar as crianças. Passou a evitar Venâncio com medo de machucar o bebê, olhava mais para o espelho do que para os olhos dele e foi alimentando nele a mais profunda convicção de que naquela barriga crescia um ladrão que ia roubar para sempre a mulher da sua vida.

A loucura começa como a doença, miúda. Vai se alastrando célula a célula, ocupando tudo, destruindo a saúde, acabando com a vida de quem não encontra recurso para deter os pensamentos ruins, fazedores dos mais profundos infernos. O pensamento solto, insistente e amargo constrói e antecipa a desgraça, é cruel no jeito de destruir.

Naquele dia Venâncio podia ter saído, já estava lá fora no portão, quando pôs sentido na bexiga cheia e pesada. Voltou para mijar. Nos últimos anos, a lembrança desse segundo, o preciso momento em que decidiu voltar, provocava nele uma aflição sem alívio. O filho tinha nascido de manhã, quando ele entrou no quarto, Dalva oferecia o bico do peito para o menino. Os olhos de Venâncio pararam ali, sentiu uma dor de infidelidade, traição, a nuca esquentou num quase desmaio. Ela punha na boca do menino o bico do seio que era dele, o bico, acordado e nu, estava lá entumecido, pronto, sem que ele o tivesse excitado.

A boca do neném buscava ansiosa o peito farto e úmido querendo sugar, engolir e ainda tão sem saber. O mamilo se dobrava passando na boquinha pequena, querendo ser pego por ela. Dalva se entregava a uma emoção única, da mais comovente ternura. O momento dela e do filho cegou Venâncio de uma absurda loucura. Ele arrancou o menino dos braços dela e jogou longe, bateu em Dalva, bateu, bateu. Espancou.

Capítulo 4

Dor.

Capítulo 5

Com a dor, o silêncio. Denso, ácido. Estagnado. Um silêncio de caco de vidro moído esfolando o corpo por dentro. Um desesperar, nada por vir. Dalva parou de falar com Venâncio. Não olhou mais para ele, considerou que ele não estava mais vivo, ignorou sua presença. Nenhuma reação. Nem quando ele chorou, quando ficou sem comer, quando parou de se lavar, nem quando ameaçou morrer, nem quando mandou valente, cuspiu na cara dela, sugigou prometendo uma nova surra, jurando morte, morrendo esmagado pelo que não podia ser desfeito. Nada. Ele suplicou sincero, desamparado, e ela nem um olhar, nenhum perdão possível.

Nas primeiras semanas, Dalva não comia, não bebia, não acendia a luz, morria um pouco a cada dia. Se levantou depois de uma longa visita de luto da mãe, saiu de casa sem deixar pistas e, para desespero de Venâncio, só voltou ao entardecer do dia seguinte. Desse dia em diante, passou a sair todas as manhãs. Caminhava lenta, magra, ombros fechados de quem desistiu. Ninguém sabe ao certo aonde ia. Na hora mais triste das tardes, quando a saudade parece apertar o coração do mundo, Dalva voltava para casa. Dizem que a tristeza dessa hora está nas entranhas da gente, infiltrada nas nossas menores porções há milênios. Nasceu do pavor infinito de anoitecer, hora em que as mulheres não sabiam se seus homens voltariam vivos da caça. Muitas vezes não voltaram. Hora em que os homens, ao voltar da caça, não sabiam se encontrariam suas mulheres mortas. Muitas vezes encontraram. Perder amores é escurecer por dentro, uma memória do corpo que o entardecer evoca quando tinge o céu de vermelho. Para

quem está sozinho depois de ter amado, o fim do dia é muito triste. Era nessa hora que ela voltava.

Dalva morava perto da Casa de Manu, o puteiro da cidade, e, quando fazia seu caminho de todos os dias, passava bem na porta das putas. Um alpendre fresco, onde sempre uma mulher ou muitas se largavam espalhadas, meio nuas, pelo chão gelado, entregues nas muretas baixas, estiradas e preguiçosas da noite animada, fugindo do sono e do calor dos dias.

Do outro lado da rua, o passeio estreito recebia o sol histórico, claro e quente, fritando quem caminhasse por lá, e, ainda assim, era por ali que o movimento da rua corria. No lado da sombra, pouca gente se atrevia a passar, era quase entrar na Casa de Manu e, com a luz do dia, um pudor constrangido aconselhava menos intimidades. Toda sorte de pensamento fazia o lado do sol mais prudente: ser reconhecido, ver o pecado de frente, sentir vontade de dia, medo de ficar doente, ver putas de perto como se putas não fossem gente.

Outro medo ajuizado mantinha quase vazio o passeio coberto de sombra, ser alvo de zombarias, que as putas juntas são corajosas, jocosas, falam alto, e, na lentidão quente das horas em que não fazem nada, uma boa risada, à custa de um distraído passante, dava para as moças mais diversão do que a folia das noites viradas.

Se o distraído fosse uma beata, ficava mais divertido o escárnio. Putas e beatas não se entendiam nem por princípios, nem pelos fins. Para as putas, basta a Deus um coração puro, outras partes podem ser lambuzadas. Para as beatas, qualquer lambança no corpo contamina o coração. Uma guerra santa e encorpada.

Mas Dalva não era confundida com uma beata, embora suspeitassem que ela arrastava um corpo sem prazer à procura de uma igreja. As putas pareciam adivinhar sua dor. Quando ela, todos os dias, passava por ali, podiam ver o abandono caminhando, ficavam caladas, pensando

nelas mesmas. Aquele peso todo tinha um eco poderoso no silêncio suado e cheio de cheiros que rodeava cada uma.

Dalva nunca olhou para o alpendre, embora fosse pelo caminho da sombra. Passava de cabeça erguida, olhando para a frente, não por afetação de orgulho ou por força de algum julgamento, mas por não dar importância a nada que não fosse ir para onde estava indo. Carregava seu corpo pesado de tristeza, e isso era tudo o que parecia fazer. As putas reconheciam que ali não se podia bolinar, sabiam por experiência própria que não se deve aumentar uma dor sem tamanho. No fim do dia, quando Dalva voltava, para quem reparasse muito, dava para ver um olhar mais sereno nos olhos dela, mas ninguém nunca reparou, nem pouco.

O que as putas sabiam sobre ela e Venâncio era desencontrado, coisas ditas sem certeza, boca a boca. A história de cada uma delas sempre se misturava no jeito como cada uma contava a história do amor deles. Sonhavam juntas. Algumas se lembravam de ver Dalva e Venâncio andando apaixonados pela cidade. Se lembravam do que poderiam ter facilmente esquecido depois de tanto tempo porque tinham tido vontade de um amor como aquele. Amor de livro barato, quem não quer? Amor que não se vê na vida nem das putas, nem na das beatas e muito menos na vidinha de quem pensa ter que escolher entre uma coisa ou outra.

Diante do amor, algumas putas sentem mesmo vontade de nascer de novo, como se não tivessem tido direito a ele. Essas prestaram mais atenção no amor dos dois. Repararam, por exemplo, em Dalva e Venâncio comendo broa quente na padaria. Ela queimava a língua, cheia de graça, como se colhesse flores, e ele lhe dava beijos molhados como quem sopra um dedinho queimado de criança. Guardaram as vezes em que eles tomavam chuva juntos e as vezes em que ajeitavam a roupa de baixo um do outro na frente de quem quer que fosse, não davam notícias do entorno. Tudo que era na rua faziam juntos:

comprar, consertar, passear, e os afazeres em casa eram brincadeiras de amor. Tão bonito quanto insuportável. Uma antipática felicidade, desumana com a solidão alheia. Quem podia acreditar em um amor daqueles? Para que ninguém nunca, em tempo algum, se atreva a achar que é a vida que inspira os livros baratos, ela, a vida, sempre disposta a nos levar até a morte, expõe, mais cedo ou mais tarde, aos berros, sua avareza: felicidade em demasia é dívida que não se pode pagar. A conta viria.

Como eram poucas as putas que se lembravam, eram poucas as que falavam. E o silêncio, com sua vocação de fermento, engordava toda sorte de devaneio. Como aquele amor virou dor? Ninguém sabia explicar, mas respeitavam a tristeza dessa alquimia, o destino não aceita zombarias. Dalva passava, e as putas sonhavam.

Capítulo 6

Quando Lucy se obcecou por Venâncio, não sabia nada dele. Nem quem era ele, nem de onde vinha, nem se tinha mulher ou família. Não importava. Para ela a história de Venâncio começava ali, no dia em que ela botou o querer nele, ele nasceu. Em uma cidade pequena, é difícil acreditar que alguém não se dê conta de que um mundo ao redor caminha junto. O outro existe. Não para Lucy, que só sabia dela mesma. Sabia o que queria e querer bastava: Tá achando que eu chupo dedo quando quero comer goiaba?, dizia chupando safada os dedos, deixando quem estivesse por perto convencido do que era capaz de fazer com aquela boca.

Ninguém, no começo, entendeu que Venâncio se tornaria uma questão de honra. Muito menos que uma questão de honra pudesse virar uma paixão obstinada. Ninguém supunha que alguma coisa podia dominar Lucy. Um homem tão pouco desejado por tanta gente virou o único assunto da vida dela.

Quando ele se agarrou à recusa, e Lucy, ao pavor de ser recusada, foi que a existência de Dalva veio à tona. Foi a conta de ficar sabendo para Lucy fincar os pés no alpendre, todos os dias, esperando Dalva passar. Um ritual que logo virou um espetáculo aguardado.

No primeiro dia apenas olhou, ventando por dentro, deixando aos mais atentos o presságio do que viria. Olhou atrevida, de cima a baixo, sem enxergar dor nenhuma. Mediu o peito, vigiou as pernas, imaginou a bunda nua. Uma bunda murcha, segundo seus cálculos. A cabeça erguida lhe pareceu uma provocação. Não disse nada, mas ruminou. Azedou por dentro. Foi soprando insistente a fagulha. Como

aquela mulher se atrevia a andar no seu passeio? A desfilar na sombra da sua casa? A ser mulher do homem que não queria saber dela?

Naquela mesma noite, se enfiou no quarto de Venâncio, pôs para fora a puta grudada nele e decidiu fazer o que pensava ser irrecusável. Botou o pau de Venâncio na boca. Ele agarrou o cabelo de Lucy como se fosse se render a um desejo violento e se arrancou de dentro dela com força. Despejou a mulher na sala e catou de volta a puta que queria.

A fila estava lá, fiel. Testemunhou. Ver Lucy expulsa de uma cama era novidade demais. Uns se colocaram imediatamente disponíveis, outros ficaram mudos e quem arriscou uma zombaria se arrependeu. Lucy calou todas as bocas desabotoando lentamente a blusa. Ninguém sabia o que ela podia fazer. Nem um pio. Foi deixando ver o peito indecente, o bico duro, e, olhando dentro do olho de cada um, falou, já dona do mundo: Olhem, meus amores, olhem bem, estão vendo? Sintam essa coisa mole entre as pernas de vocês acordar, sentiram? Ela molhava os dedos na língua lenta e pegava no bico do próprio peito. Estão vendo o que eu estou fazendo, pra onde posso levar vocês? Vejam como eu sei chegar lá sozinha. Com uma mão trabalhou o peito, a outra enfiou entre as pernas, e ficou ali se entregando a um prazer escancarado até gozar alto. Os homens estavam loucos. Até as putas se excitaram. Vocês vão me querer para o resto da vida, vão sonhar com isso quando se deitarem com suas mulheres secas, cheirando a sabonete cremoso, mas esse cheiro aqui de mover pau vocês não vão sentir mais. Levou o dedo molhado do próprio caldo no nariz de alguns e depois chupou safada os próprios dedos. Até aquele homem lá dentro me dar o que eu quero, essa buceta não vai divertir mais ninguém.

Lucy fechou a porta do quarto deixando uma sala desatinada para trás. O desejo que ela espalhou exigia alívio. Alguns homens se enfiaram no banheiro, outros

disputaram as putas a preço de ouro e os que sobraram correram para casa mais aborrecidos do que conformados por terem que resolver tanto fogo com a própria mulher.

A noite foi um bagaço de cana agarrado na garganta de Lucy. Possuída de aflição, tinha ímpetos de murros. Queria ir para o alpendre esperar Dalva passar. A essa altura, já não tinha dúvida de que a culpa era daquela vaca sofredora, com aquela cara de quem não se mistura. Vamos ver quem pode mais, gritou madrugada adentro.

Capítulo 7

O pai e a mãe de Lucy faziam amor. Ela nasceu de uma trepada feliz. Foi um bebê de olho aceso, tinha vontade de engolir o mundo. Pai e mãe achavam graça, davam carinho, enfeitavam a filha única com aquele amor alegre.

Quando não sabia ainda nenhuma palavra, já era boa em deixar claro o que queria. Foi ficando grande aos paparicos, cresceu confiante. Era mais do que bonita, tinha alguma coisa irresistível no seu jeito. Aprendeu a escalar as pernas da mãe para olhar dentro do olho dela antes de pedir alguma coisa. Sabia insistir. Viu que funcionava.

E então, quando já estava acostumada a ter o que bem entendesse, perdeu mãe e pai ao mesmo tempo. No dia do enterro, não teve quem não sentisse dó vendo aquela menina ordenar aos pais que se levantassem. Pela primeira vez, eles desobedeceram à insistência sofrida da filha. Foi seu primeiro não intransponível. Sem saber, ela jurou que seria o último.

A irmã do pai, tia Duca, levou Lucy para casa. Suas duas filhas, Cleia e Valéria, eram mais ou menos da idade da sobrinha, sete anos. Um corte seco e afiado começava ali. Essa poderia ser a velha história da menina órfã maltratada, explorada por gente ruim e ambiciosa. Nada disso. A tia não era nem boa, nem má, apenas amava mais as filhas. Quem não amaria mais as filhas do que a sobrinha cheia de vontades? Duca nunca ia esquecer, embora não tivesse planos de vingança, das vezes em que viu Lucy tirar o chocolate das filhas sem que seu irmão desse à sobrinha alguma noção do que fosse dividir. Oh! menina impossível, quando quer alguma coisa ninguém segura, falava orgulhoso o pai. Uma boa surra segura, pensava Duca

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Tudo é rio"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).